

Saúde Pública e Saúde Coletiva

Christiane Trevisan Slivinski
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Christiane Trevisan Slivinski
(Organizadora)

Saúde Pública e Saúde Coletiva

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S255 Saúde pública e saúde coletiva [recurso eletrônico] / Organizadora
Christiane Trevisan Slivinski. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Saúde Pública e Saúde Coletiva; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-160-2

DOI 10.22533/at.ed.602191103

1. Política de saúde. 2. Saúde pública. I. Slivinsk, Christiane
Trevisan.

CDD 362.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

SAÚDE PÚBLICA E SAÚDE COLETIVA NO BRASIL

Todo indivíduo tem o direito de segurança a saúde, as ações prestadas pela saúde pública são relacionadas ao diagnóstico e tratamento de doenças que lhes permita a manutenção da saúde. No entanto, quando se considera a comunidade, a coletividade, se faz necessário que o profissional ultrapasse as barreiras da observação, diagnóstico e prescrição de tratamento ao paciente como um indivíduo isolado. O processo saúde-doença deve ser analisado dentro de um contexto social, onde o indivíduo encontra-se inserido para que se tenha subsídios suficientes para interferir na realidade e promover as mudanças necessárias.

As modificações de ações necessárias para promoção da saúde dentro da saúde pública devem respeitar as possibilidades e programas fornecidos pelo Estado, enquanto que dentro da saúde coletiva a ação é mais radical de acordo com a necessidade da comunidade.

Os profissionais envolvidos tanto com saúde pública quanto coletiva abrangem todas as grandes áreas da saúde, tais como enfermagem, medicina, odontologia, nutrição e fisioterapia, além dos demais colaboradores que atuam neste setor. Neste ebook é possível identificar a visão bem detalhada de como andam alguns dos aspectos da saúde pública e coletiva no Brasil na ótica de renomados pesquisadores.

O volume 1 apresenta uma abordagem nutricional da saúde do indivíduo. Aqui são analisados tanto aspectos da absorção e função de determinados nutrientes no organismo quanto a atenção nutricional e a garantia de saúde. Ainda podem ser observados aspectos que envolvem a educação em saúde, onde se trabalha o conhecimento e a formação dos profissionais que atuam em saúde.

No volume 2 encontram-se artigos relacionados as questões da estratégia da saúde da família e atenção básica que norteiam todo o processo de saúde pública, além da importância da atuação multiprofissional durante o processo de manutenção da saúde. Também são apresentados aqui algumas discussões acerca das implicações da terapia medicamentosa.

Finalmente no volume 3 encontram-se as discussões relacionadas aos aspectos epidemiológicos de doenças tais como hepatite, hanseníase, dengue, sífilis, tuberculose, doenças sexualmente transmissíveis. Como não basta apenas garantir a saúde do cidadão mas também do profissional que o atende, são analisados alguns aspectos relacionados ao risco ocupacional e ao estresse causado pela atividade profissional. Este volume traz ainda a análise da atuação de profissionais dentro da unidade de terapia intensiva, os cuidados de enfermagem necessários ao restabelecimento da saúde do indivíduo e alguns aspectos da saúde da mulher.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLIFENÓIS, ATIVIDADE ANTIOXIDANTE E INFORMAÇÃO NUTRICIONAL DE CAJUÍNAS PRODUZIDAS NO ESTADO DO PIAUÍ-BRASIL	
Aline Cronemberger Holanda Yasmina Fernanda Pacífico Thalita Braga Barros Abreu Rayane Carvalho de Moura Naíza Carvalho Rodrigues Geórgia Rosa Reis de Alencar Lailton da Silva Freire Alessandro de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.6021911031	
CAPÍTULO 2	16
CONSUMO ALIMENTAR DE MAGNÉSIO E SUA RELAÇÃO COM PARÂMETROS DE ADIPOSIDADE EM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA	
Raisa de Oliveira Santos Juliana Soares Severo Jennifer Beatriz Silva Moraes Stéfany Rodrigues de Sousa Melo Loanne Rocha dos Santos Luana Mota Martins Diana Stefany Cardoso de Araújo Thayanne Gabryelle Visgueira de Sousa Mickael de Sousa Paiva Daila Leite Chaves Bezerra Priscyla Maria Vieira Mendes Dilina do Nascimento Marreiro	
DOI 10.22533/at.ed.6021911032	
CAPÍTULO 3	28
O CONSUMO DE FERRO DIETÉTICO E SUA RELAÇÃO COM A HEMOGLOBINA DE JOGADORES JUNIORES DE FUTEBOL	
Fatima Karina Costa De Araújo Aryelle Lorrane Da Silva Gois Fabiane Araújo Sampaio Vanessa Machado Lustosa Henrilla Mairla Santos de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.6021911033	
CAPÍTULO 4	36
ATENÇÃO NUTRICIONAL NA REDE PÚBLICA DE SAÚDE DE UM MUNICÍPIO DE MINAS GERAIS, COM FOCO NOS GRUPOS PARA EMAGRECIMENTO CONDUZIDOS NAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE	
Isabela de Siqueira Carvalho Cristina Garcia Lopes Alves Josilene Gomes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6021911034	
CAPÍTULO 5	53
AVALIAÇÃO DA ADEQUAÇÃO DAS NECESSIDADES NUTRICIONAIS EM PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO	
Francisco das Chagas Araújo Sousa	

Halmisson D'arley Santos Siqueira
Raimundo Nonato Cardoso Miranda Júnior
Zaira Arthemisa Mesquita Araújo
Maria da Conceição Lopes Ribeiro
Cirley Pinheiro Ferreira
Thanandra Rocha Ferreira
Marianne Ravena da Costa Rocha
Joelson da Silva Medeiros
Natália Monteiro Pessoa
Eduardo Henrique Barros Ferreira
Carlos Antonio da Luz Filho
Érika Vicência Monteiro Pessoa
Karla Rakel Gonçalves Luz
Jucileia dos Santos Araújo

DOI 10.22533/at.ed.6021911035

CAPÍTULO 6 63

AValiação DO GraU DE DESIDRaTaÇÃO EM PRaTICANTEs DE MUSCulaÇÃO

Francisco das Chagas Araújo Sousa
Halmisson D'arley Santos Siqueira
Raimundo Nonato Cardoso Miranda Júnior
Zaira Arthemisa Mesquita Araújo
Maria da Conceição Lopes Ribeiro
Cirley Pinheiro Ferreira
Thanandra Rocha Ferreira
Izabella Bárbara de Araújo Paz Melo
Polyanne Patricia Menezes Jansen Correia
Marcos Afonso Cruz Nascimento
Natália Monteiro Pessoa
Larissa Rebeca Chagas de Jesus
Ingrid Beatriz Lima Pinheiro
Érika Vicência Monteiro Pessoa
Vallérya de Castro Soares

DOI 10.22533/at.ed.6021911036

CAPÍTULO 7 72

COMPETÊNCIAS DO NUTRICIONISTA PARA ATUAÇÃO NO CONTEXTO DO SUS - PERCEPÇÕES A PARTIR DA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Cristina Garcia Lopes Alves
Queisielle Magalhães Carvalho
Maria Regina Martinez
Sandra Helena Cerrato Tibiriçá
Francisco Lamus Lemus

DOI 10.22533/at.ed.6021911037

CAPÍTULO 8 88

COMPORTAMENTO DE RISCO PARA DESENVOLVIMENTO TRANSTORNO DA COMPULSÃO ALIMENTAR PERIÓDICA (TCAP) EM UNIVERSITÁRIOS

Josiane Da Rocha Silva Ferraz
Lucas Vinicius Alves Sampaio
Amanda Marreiro Barbosa
Liejy Agnes Dos Santos Raposo Landim
Daniele Rodrigues Carvalho Caldas
Daisy Jacqueline Sousa Silva
Kelvy Fernanda Almeida Lago Lopes

DOI 10.22533/at.ed.6021911038

CAPÍTULO 9 98

GESTÃO DE UM PROGRAMA DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR E A QUALIDADE DOS CARDÁPIOS DE DUAS ESCOLAS DA GRANDE TERESINA

Rayane Carvalho de Moura
Naira Flávia Araújo Nunes
Magnoelda Gomes da Costa Oliveira
Marcela Maria Lima Rodrigues
Najela Thays Vera Costa
Elizabete Maciel de Sousa Cardoso
Mara Cristina Carvalho Batista
Jéssica Moraes de Araújo
Layanna Cibelle de Sousa Assunção
Samia Caroline Viana Martins

DOI 10.22533/at.ed.6021911039

CAPÍTULO 10 104

O USO DO AÇÚCAR NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDAS

Ivana da Silva Fernandes
Geísa Maria de Sousa
Lílian Maria Almeida Costa
Maylla Pereira Rodrigues Maciel
Jancineide de Oliveira Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.60219110310

CAPÍTULO 11 112

IMPORTÂNCIA DO BANCO DE LEITE HUMANO NO ALEITAMENTO MATERNO: REVISAO INTEGRATIVA

Alessandra Alves Silvestre
Emanuella Rodrigues Ferreira
Hiugo Santos do Vale
Karolinnny Costa Gonçalves
Linara Brito da Luz
Luana Carolini dos Anjos
Luisa Helena de Oliveira Lima
Mariana Fontes Damasceno
Wemerson dos Santos Fontes
Vitória Silva de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.60219110311

CAPÍTULO 12 119

OFICINA COM GESTANTES SOBRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA GESTAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Marcelo Prado Santiago
Inez Sampaio Nery
Ivanilda Sepúlveda Gomes
Rejane Pereira de Sousa
Regilane Pereira de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.60219110312

CAPÍTULO 13 136

ZINCO E ADIPOCITOCINAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE ESTUDOS DE SUPLEMENTAÇÃO EM OBESOS

Ana Raquel Soares de Oliveira
Kyria Jayanne Clímaco Cruz
Jennifer Beatriz Silva Moraes

Juliana Soares Severo
Mickael de Paiva Sousa
Diana Stefany Cardoso de Araujo
Thayanne Gabryelle Visgueira de Sousa
Adriana de Azevedo Paiva
Alessandro de Lima
Dilina do Nascimento Marreiro

DOI 10.22533/at.ed.60219110313

CAPÍTULO 14 145

RELAÇÃO DE EFEITOS NOS SISTEMAS CARDÍACO E CIRCULATÓRIO COM O USO DE PRODUTOS TERMOGÊNICOS

Vanessa Rocha Da Silva
Sílvia Emanoella Silva Martins De Souza
Jônatas De França Barros
André Ribeiro Da Silva

DOI 10.22533/at.ed.60219110314

CAPÍTULO 15 163

PASSOS DE SAÚDE: A ATUAÇÃO DO NUTRICIONISTA EM UM GRUPO DE CAMINHADA COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alane de Sousa Nascimento
Ana Gabriella Saraiva Rocha
Paulo Cesar de Moura Luz
Darlene Fontenele da Costa
Iarly Nunes Fortes
Francisco Jairo Medeiros de Almeida
Karlos Ulysses Timbó da Costa
Viviane de Sousa Araújo

DOI 10.22533/at.ed.60219110315

CAPÍTULO 16 169

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM PROMOÇÃO DE SAÚDE

Lysrayane Kerullen David Barroso
Suênia Évelyn Simplício Teixeira
Normanda de Almeida Cavalcante Leal
Milena Bezerra de Oliveira
Antonio Cleano Mesquita Vasconcelos
Carlos Felipe Fontelles Fontineles
Lycélia da Silva Oliveira
Ingrid Freire Silva
Alexandro do Vale Silva

DOI 10.22533/at.ed.60219110316

CAPÍTULO 17 182

ANÁLISE MICROBIOLÓGICA DE ÁGUA DE POÇO ARTESANAL DE UMA UNIDADE ESCOLAR MUNICIPAL E SUA RELAÇÃO COM APRENDIZAGEM ESCOLAR EM UNIÃO/PI

Daniela Reis Joaquim de Freitas
Cláudio Costa Santos
Shely Delynajary Santiago dos Santos
Antônio Rosa de Sousa Neto
Alexandre Maslinkiewicz
Lissandra Chaves de Sousa Santos
Fabiana de Moura Souza

CAPÍTULO 18 194

A CRIAÇÃO DE BRINQUEDOS SUSTENTÁVEIS COMO AÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM SAÚDE ABORDANDO CRIANÇAS DO 3º ANO DO ENSINO PÚBLICO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thays Hyorrana Silva Santos
Ezra Jad Vale Martins
Marcia Fernanda da Silva Tôrres Fernandes
Thalyta Brigda Nogueira de Oliveira
Luinê Ferreira de Oliveira
Robson Fabricio de Paulo dos Santos
Lauridéia da Silva Carvalho
Danyel Pinheiro Castelo Branco

DOI 10.22533/at.ed.60219110318

CAPÍTULO 19 202

AS METODOLOGIAS ATIVAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO PERMANENTE DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE

Denis Francisco Gonçalves de Oliveira
Sthefane Gomes Feitosa
Thaís Torres Barros Dutra
Khalil Fernandes Viana
Ealber Carvalho Macedo Luna

DOI 10.22533/at.ed.60219110319

CAPÍTULO 20 210

O ENSINO DA SAÚDE PÚBLICA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO PIAUÍ

Roniele Araújo de Sousa
Rosalves Pereira da Silva Junior
Tauani Zampieri Cardoso
Osmar de Oliveira Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.60219110320

CAPÍTULO 21 222

INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO-COMUNIDADE: REVISANDO A LITERATURA PARA AMPLIAR OLHARES

Bárbara Carvalho dos Santos
Francelly Carvalho dos Santos
Matilde Nascimento Rabelo
Laércio Bruno Ferreira Martins
Deyjanne Martins Mendes
Kledson Amaro de Moura Fé
Daccione Ramos da Conceição
Marcelino Martins
Jordano Leite Cavalcante de Macêdo
David Reis Moura

DOI 10.22533/at.ed.60219110321

CAPÍTULO 22 234

EDUCAÇÃO EM SAÚDE VOLTADA PARA A PREVENÇÃO DE INFECÇÃO SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEL EM ADOLESCENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Leila Mariane Machado Tôrres Bezerra
Nájila Aguiar Freitas Lemos
Lorena Gomes de Abreu Lima
Jaiane Oliveira Costa

Taciany Alves Batista Lemos

DOI 10.22533/at.ed.60219110322

CAPÍTULO 23 242

EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA E MEDICINA EM NÚCLEO DE APOIO À SAÚDE DA FAMÍLIA (NASF) POR MEIO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PELO TRABALHO EM SAÚDE (PET – SAÚDE) – TERESINA- PIAUÍ

Denise Ribeiro Santos

Ilana Lages Rebelo de Carvalho

Helleny Alves de Santana Neta

DOI 10.22533/at.ed.60219110323

CAPÍTULO 24 249

O EXERCÍCIO DE HABILIDADES MÉDICAS EM PRAÇA PÚBLICA: UMA OPORTUNIDADE DE REFLEXÃO DAS PRÁTICAS NA FORMAÇÃO INICIAL DO ESTUDANTE DE MEDICINA

Nathália de Macêdo Assunção

Rayanne Rodrigues Pereira

Alice de Moraes Veras da Fonseca

Esther Barata Machado Barros

Any Carolina Cardoso Guimarães Vasconcelos

Márcio Braz Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.60219110324

CAPÍTULO 25 257

VIVÊNCIA DE ACADÊMICOS EM UM PROGRAMA DE INTERCÂMBIO INTERNACIONAL

Maria Francinete do Nascimento Silva

Márcia de Moraes Sousa

Roberta Fortes Santiago

Andreza Moita Moraes

Leila Mariane Torres Bezerra

Jayris Lopes Vieira

Maria Auxiliadora Lima Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.60219110325

CAPÍTULO 26 263

INTERDISCIPLINARIDADE E SAÚDE: O DESAFIO DA ARTICULAÇÃO INTERDISCIPLINAR PARA A COMPREENSÃO DO PROCESSO SAÚDE- ADOECIMENTO

Vilkiane Natercia Malherme Barbosa

Tiago da Rocha Oliveira

Luma Ravena Soares Monte

Thiego Ramon Soares

Gleyde Raiane de Araújo

Anderson da Silva Sousa

DOI 10.22533/at.ed.60219110326

CAPÍTULO 27 272

AValiação da Alfabetização em Saúde de Idosos Hipertensos e ou Diabéticos de Oeiras- PiauÍ

Jéssica Moraes de Araujo

Irineu de Sousa Júnior

Lourival Gomes da Silva Júnior

Rayane Carvalho de Moura

Wanessa Moraes Lopes

DOI 10.22533/at.ed.60219110327

CAPÍTULO 28 287

AVALIAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO EM SAÚDE DE IDOSOS ATENDIDOS PELO HIPERDIA

Rayane Carvalho de Moura
Jéssica Moraes de Araújo
Aline Cronemberger Holanda
Lailton Silva Freire
Geórgia Rosa Reis de Alencar
Luciana Farias de Melo
Ana Karolinne da Silva Brito
Crislane Moura Costa
Marcos Antonio Pereira dos Santos
Irineu de Sousa Júnior

DOI 10.22533/at.ed.60219110328

CAPÍTULO 29 299

IDEAÇÃO SUICIDA E TENTATIVA DE SUICÍDIO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE 30 ANOS

Liene Martha Leal

DOI 10.22533/at.ed.60219110329

SOBRE A ORGANIZADORA..... 312

O EXERCÍCIO DE HABILIDADES MÉDICAS EM PRAÇA PÚBLICA: UMA OPORTUNIDADE DE REFLEXÃO DAS PRÁTICAS NA FORMAÇÃO INICIAL DO ESTUDANTE DE MEDICINA

Nathália de Macêdo Assunção

Instituto de Ensino Superior do Vale do Parnaíba
(IESVAP)
Parnaíba – Piauí

Rayanne Rodrigues Pereira

Instituto de Ensino Superior do Vale do Parnaíba
(IESVAP)
Parnaíba – Piauí

Alice de Moraes Veras da Fonseca

Instituto de Ensino Superior do Vale do Parnaíba
(IESVAP)
Parnaíba – Piauí

Esther Barata Machado Barros

Instituto de Ensino Superior do Vale do Parnaíba
(IESVAP)
Parnaíba – Piauí

Any Carolina Cardoso Guimarães Vasconcelos

Instituto de Ensino Superior do Vale do Parnaíba
(IESVAP)
Parnaíba – PI

Márcio Braz Monteiro

Instituto de Ensino Superior do Vale do Parnaíba
(IESVAP)
Parnaíba-PI

RESUMO: INTRODUÇÃO: Um dos maiores desafios da educação médica na atualidade é despertar ao aluno o interesse no cuidado com o ser humano buscando sua qualidade de

vida e bem-estar. Como estratégia de ensino das primeiras disciplinas do curso de Medicina vê-se a necessidade de colocar os alunos mais próximos da realidade da população, devendo exercer um balanço equilibrado entre a experiência e abordagem teórico e prática.

OBJETIVO: Relatar a vivência de uma atividade prática da disciplina de Habilidades Médicas do primeiro ano do curso de Medicina ocorrida em uma praça pública. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência sobre uma atividade prática de habilidades médicas realizada em uma praça pública com estudantes do primeiro período do curso de medicina de uma instituição privada. A atividade ocorreu em um período do dia, em maio de 2016, no município de Parnaíba-PI, sob a orientação de um professor médico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: O contato precoce com pacientes no primeiro período do curso permitiu um despertar na identidade profissional e de aprendizagem significativa dos estudantes. Ademais, o treinamento da aferição da pressão arterial com um número significativo de pessoas voluntárias foi alcançado. **CONCLUSÃO:** A prática na praça pública pode aproximar o aluno de medicina à realidade de saúde pública, sendo evidenciada a hipertensão arterial como um problema territorial, demonstrando a necessidade de intervenção imediata dos profissionais. Quanto

à competência de comunicação com pacientes reais, os estudantes puderam treinar a habilidade de escuta e de percepção do outro através das emoções.

PALAVRAS-CHAVE: habilidades médicas, educação médica, saúde pública.

1 | INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios da educação médica na atualidade é despertar ao aluno o interesse no cuidado com o ser humano buscando sua qualidade de vida e bem-estar (XIERALI et al., 2014). Assim, a fim de formar médicos capazes de atender às necessidades de saúde da sociedade é recomendado aos educadores e instituições, melhorar a integração das perspectivas de saúde pública nos currículos (BRASIL, 2014). O enfoque do ensino médico deve deixar de ser a doença e sua cura, passando para uma atenção voltada à manutenção, promoção da saúde e prevenção de doenças e seus agravos. Outro aspecto importante está na necessidade de colocar os alunos mais próximos da realidade da população, incluindo este contato estudante-pacientes, desde as primeiras disciplinas do curso de medicina, oportunizando um balanço equilibrado entre a experiência e abordagem teórico e prática (RAKOTZ et al., 2017).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina, o acadêmico e futuro profissional médico deve apresentar uma formação generalista, humanizada, crítica, reflexiva e ética, com habilidades que lhe permitam atuar em diferentes níveis de atenção à saúde, devendo ser sempre exercida a determinação social do processo saúde e doença como sendo transversalidade em sua prática médica (BRASIL, 2014).

Segundo essas diretrizes, são previstas competências e habilidades para a formação do perfil do acadêmico de medicina. Dentre estas, pode-se destacar a atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente, as quais devem ter por objetivo a promoção da saúde, a prevenção e reabilitação dos agravos a nível individual e coletivo, permitindo a atenção integral e o acolhimento dos usuários nos sistemas de saúde.

As habilidades interpessoais e de comunicação são uma competência essencial para o treinamento de futuros médicos. Nos currículos modernos, a integração precoce com pacientes na formação em habilidades clínicas em nível de graduação é vista como importante. Portanto, há poucos relatos de experiências sobre este aspecto (GOLDIE, 2012). Além disso, o foco da aprendizagem deve ser horizontal e orientada para problemas, na capacidade de conduzir entrevistas e de exercer habilidades clínico-práticas (KINGHORN, 2010).

Dessa forma, as práticas médicas durante curso devem estar associadas a metodologias ativas que permitem ao aluno o exercício de uma postura mais proativa, segura e responsável, a fim de garantir a formação acadêmica de qualidade e que

possa oferecer uma assistência digna, inclusiva e humanizada à comunidade. Com isso, buscando introduzir o exercício da habilidade técnica de aferir a pressão arterial e treinar a comunicação e relação médico-paciente com estudantes de medicina na série inicial do curso, o objetivo deste estudo é descrever a vivência de estudantes sobre uma atividade prática no módulo de Habilidades e Atitudes Médicas ocorrida em uma praça pública.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência sobre uma atividade prática realizada por um grupo de estudantes de medicina da Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí do Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (FAHESP/IESVAP). A atividade foi realizada em uma praça pública, no centro do município de Parnaíba-PI, em maio de 2016, como parte prática da disciplina de Habilidades Médicas.

Foi orientado aos acadêmicos que fosse realizado aferições da pressão arterial (PA) dos transeuntes, tanto convidando-os a participar como por demanda espontânea. Antes da verificação, o professor responsável pela matéria orientou quanto a necessidade de pedir que o paciente se mantivesse sentado por no mínimo 5 minutos antes da aferição, além de levantar questionamentos quanto a fatores que pudessem interferir nos valores da PA durante a aferição, como estar com a bexiga cheia, praticou exercícios físicos há pelo menos 60 minutos, ingeriu bebidas alcoólicas, café ou alimentos, fumou nos 30 minutos anteriores. A aferição foi realizada com o auxílio de esfigmomanômetro aneróide, estetoscópio e papel para o registro dos resultados. Todos aqueles que verificaram a pressão arterial, assinaram seu nome, confirmando que aquela atividade foi realizada. A técnica utilizada foi baseada na 7ª Diretriz Brasileira de Hipertensão Arterial.

Os parâmetros de valores de PA utilizados foram os valores preconizados pela Sociedade Brasileira de Cardiologia, que classifica como normal, valores de PAS \leq 120 e PAD \leq 80. Valores acima destes são considerados fora do padrão de normalidade, podendo ser classificado em pré-hipertensão ou hipertensão estágio 1, 2 ou 3. Após o resultado da PA, quando necessário, foram feitas orientações sobre estilo de vida, alimentação e perigos da hipertensão descontrolada. A abordagem da população foi feita de forma aleatória, excluindo crianças e aqueles que não se aceitavam participar como voluntários.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade em um ambiente externo, público e de grande fluxo como a praça

proporcionou aos alunos a oportunidade de exercer a prática da habilidade de aferir a pressão arterial com maior variabilidade de casos e treinamento da ausculta. No período da vivência, cada aluno pode aferir em média um total de 12 indivíduos, podendo observar também casos de normalidade e anormalidades da PA. Nos casos em que a PA mostrou-se elevada os acadêmicos foram instruídos a orientar a busca por auxílio médico e mudanças no estilo de vida, como a prática de exercício físico e o baixo consumo de sódio na dieta.

Como muitas outras profissões baseadas em pessoas, as habilidades de comunicação são essenciais para a prática médica. É uma espinha dorsal sobre a qual muitas áreas de cuidados com o paciente se baseiam, como, primeiro contato com entrevistas com o paciente, sondagem para problemas associados e adicionais, aconselhamento ao paciente, explicação das opções de tratamento, suas complicações e orientação de acompanhamento.

Uma melhor comunicação entre o médico e o paciente gera confiança, melhora a conformidade e reduz erros e contratempos, reduzindo, assim, os processos por negligência. Se o conhecimento da medicina, a habilidade cirúrgica e a perspicácia clínica são o ofício da prática médica, as habilidades de comunicação são as artes plásticas! O profissionalismo, que é parte integrante da boa prática médica, também exige habilidades de comunicação eficazes, juntamente com conhecimento, habilidade, competência e ética. (ANJALI & VINEETA, 2015).

A educação médica é mais do que adquirir um nível apropriado de conhecimento e desenvolvimento de habilidades relevantes. Para praticar medicina, os estudantes precisam desenvolver uma identidade profissional, ou seja, modos de ser e relacionar-se em contextos profissionais. A identidade é realizada através de um processo dinâmico de identificação pelo qual os indivíduos classificam seu lugar no mundo como indivíduos e membros de coletivos. Ela se desenvolve em relacionamentos interacionais durante os quais os indivíduos podem ser mais influenciados pelas categorizações dos outros do que suas próprias cognições e emoções (ASHMORE et al. 2004). As interações importantes dos estudantes de medicina ocorrem em instituições sociais com práticas estabelecidas, como universidades, hospitais, hospícios, organizações comunitárias, etc. Durante esse processo, eles identificam não apenas quem são, mas também quem não são (JENKINS, 2008).

A conceptualização da identidade como entidade única, distinta e fixa, mudou-se para uma concepção dinâmica de identidades múltiplas (SHOTTER & GERGEN 1994) situada nas relações sociais (GERGEN & DAVIS 1985; GERGEN 1991; EISENBERG 2001). As identidades dos alunos não são fixas, mas estão em constante processo de transformação enquanto passam pela vida. As maneiras pelas quais os estudantes de medicina formam sua identidade profissional, e subsequentemente conceitualizam suas múltiplas identidades, tem implicações para seu futuro bem-estar e relacionamentos (MONROUXE, 2009). Este artigo conceitua os processos subjacentes à formação e manutenção da identidade profissional dos estudantes de medicina, com base em

conceitos da psicologia social e aplicando-os ao contexto da graduação em educação médica.

Para ser um bom médico, os médicos exigem não só conhecimentos clínicos e científicos, mas também excelentes habilidades de comunicação para garantir uma boa relação médico-paciente. Boas habilidades de comunicação em médicos podem ser entendidas como um fenômeno multidimensional, que é caracterizado por uma ênfase nas expectativas, preocupações e emoções dos pacientes e sua necessidade de informação. A construção de relacionamentos, a negociação e a facilitação da cooperação dos pacientes também são elementos centrais das habilidades de comunicação. Como as habilidades de comunicação altamente desenvolvidas são cruciais para as interações médico-paciente, recomenda-se incorporá-las ao ensino desde o início na escola de medicina. (JOACHIM et al. 2016).

Uma boa relação médico-paciente é essencial para a saúde do paciente. Nesse sentido, o fator “relação terapêutica” pode influenciar o sucesso da terapia com uma variância de 30%. Uma anamnese centrada no paciente, bem estruturada e baseada em hipóteses, permite um diagnóstico mais precoce e preciso e, eventualmente, uma terapia direcionada mais precoce e mais precisa. O comportamento empático em relação ao paciente leva a uma maior satisfação do paciente, melhor e mais oportuno diagnóstico, melhor adesão ao tratamento, menos queixas e um enfrentamento mais eficaz da doença. Young et al. mostrou que, além disso, a competência percebida do médico pelo paciente é essencial para o seu resultado. A satisfação dos pacientes está correlacionada com o recebimento de uma explicação adequada, o cumprimento das expectativas e a duração da conversa.

O treinamento de habilidades de comunicação “Comunicação médico-paciente com pacientes simulados” (Gesprächsführungs seminare C) ocorre no quarto ano, o treinamento concentra-se em desafios na comunicação com pacientes em um ambiente desafiador e no envolvimento afetivo nas relações médico-paciente. Palestras, livro didático e um programa de e-learning obrigatório fornecem informações básicas. Depois, os seminários em grupo com contato simulado com o paciente exigem que os alunos tomem com sucesso estados mentais. O principal objetivo é aprender a integrar o conhecimento teórico na comunicação e gerenciar o ambiente especial com pacientes psiquiátricos.

Durante o segundo e terceiro ano, os alunos usam situações de interpretação em seminários de grupo, chamados Ärztliche Gesprächsführung A e B (ÄGF A e ÄGF B), para aprender e praticar a história médica geral. O objetivo é aprender a fazer uma anamnese completa e bem estruturada de maneira empática e centrada no paciente. (SANDRA; HENRIETTE, 2016).

Observou-se a presença de quantidades relevantes de pessoas com PA elevada que desconhecem os fatores de risco, os quais podem influenciá-la e as consequências que HAS pode trazer. Isto reforça o exposto pela 7ª Diretriz Brasileira de Hipertensão Arterial, a qual afirma que, no Brasil, a HAS atinge 32,5% (36 milhões) de indivíduos

adultos, mais de 60% dos idosos, contribuindo para 50% das mortes por doença cardiovascular (DCV), e quando não tratada pode levar a lesão de órgãos alvo (cérebro, coração e rim) acarretando impacto elevado na perda da produtividade do trabalho e da renda familiar. Essa observação consolida as informações sobre a alta prevalência de hipertensos na população adulta e idosa anteriormente discutida em sala de aula.

Como aspecto negativo da prática, destacamos o ambiente aberto que não foi favorável à ausculta efetiva, pois a intensidade do vento pode interferir, muitas vezes, para uma aferição inadequada com resultados possivelmente apresentando pequenas margens de erro. Além disso, o movimento intenso a mais de 60 minutos, a bexiga cheia, a ingestão de bebidas alcoólicas, café ou alimentos e o fumo nos 30 minutos anteriores à prática contribuem para valores alterados de PA. Fato este que não pôde ser evitado, uma vez que o ambiente inapropriado e a abordagem aleatória dos transeuntes não propiciaram seu preparo prévio adequado.

4 | CONCLUSÃO

A prática em praça pública pôde aproximar o aluno de medicina à realidade de saúde pública, sendo evidenciada a hipertensão arterial como um problema territorial, demonstrando a necessidade de intervenção imediata dos profissionais, tanto na atenção em saúde como na tomada de medidas preventivas que visem à abordagem global dos fatores de risco para doenças cardiovasculares.

Nesse contexto, realçando a importância de ações específicas na busca e acompanhamento da HAS, uma vez que o conhecimento a respeito dos riscos e consequências dessa comorbidade ainda é pouco difundido para a maioria daqueles que a possuem, tornando muito importante a disseminação de orientações e informações sobre o autocuidado por meio de ações socioeducativas e de políticas públicas.

A atividade foi de grande enriquecimento teórico-prático para os alunos, os quais interagiram de forma harmoniosa com a comunidade, permitindo a troca de experiências e a gratificação de levar promoção à saúde, prevenção de agravos e maior adesão ao tratamento da HAS por meio de informações e acolhimento.

A identidade é múltipla, dinâmica, relacional, situada, embutida em relações de poder, ainda que negociáveis. Durante a escola de medicina a formação das identidades profissionais dos alunos é influenciada mais pelos currículos informais e ocultos do que pelas experiências de ensino. Para desenvolver suas identidades profissionais, os alunos precisam primariamente interagir com os membros da profissão médica.

A interação com profissionais mais antigos também oferece oportunidades para a negociação mútua de identidades investidas em diferentes contextos históricos (WENGER, 2008). As identidades são criadas durante todos os tipos de interações, por ex. ensino à beira do leito, ensino de habilidades de comunicação, grupos de PBL, turnos de enfermagem, etc. e durante intercâmbios em contextos informais. Requer a

participação significativa do aluno. Os alunos aprendem comportamentos e modos de ser que parecem bem sucedidos para eles (BANDURA, 1986). Modelos e mentores de papéis desempenham um papel importante nesse processo, demonstrando comportamentos adequados aos papéis e como se comportar efetivamente no ambiente organizacional (IBARRA, 1999; CASPI & ROBERTS, 2001). O fornecimento de feedback é importante. A teoria da identidade propõe que os indivíduos desenvolvam significado sobre si mesmos através do feedback de outros (STRYKER & STRATHAM 1985). Esse feedback, denominado avaliações refletidas, pode ser congruente ou incongruente com a autopercepção de uma pessoa (KIECOLT, 1994). Burke (1991) propôs que, quando as avaliações refletidas são incongruentes com o comportamento de autopercepção de um indivíduo, ele é alterado para se adequar à avaliação. Swann (1987), no entanto, descobriu que os indivíduos não mudam seu comportamento se isso significa mudar sua autopercepção. Alternativamente, eles se associam e buscam feedback de indivíduos que confirmam suas autopercepções.

Enquanto revistas reflexivas podem ser ferramentas úteis, requer um contexto mais interativo para examinar perspectivas e desenvolver a compreensão dos alunos sobre sua identidade profissional em desenvolvimento (MONROUXE, 2009). Pode também promover a complexidade da identidade social.

Os educadores precisam utilizar e maximizar as oportunidades que existem nos vários ambientes relacionais que os alunos vivenciam. Pode haver um perigo de exposição a influências negativas dentro desses ambientes (HAFFERTY e FRANKS, 1994), portanto, os educadores e a profissão mais ampla precisam refletir sobre normas e convenções institucionalizadas que influenciam os comportamentos (DU GAY et al. 2000). Os alunos podem oferecer o potencial de reflexão e desafio às habilitações institucionais (DOYLE, 2001; MONROUXE, 2009). Para promover esse desafio, as instituições e os membros individuais precisam estar cientes das relações de poder existentes e desenvolver estratégias para fortalecer as contribuições dos alunos, tanto como membros periféricos de comunidades de prática quanto em nível institucional. Estes precisam ser refletidos nos discursos da profissão médica.

O curso “Comunicação médico-paciente com pacientes simulados” na universidade médica melhora as habilidades de comunicação dos alunos. Permite transferir o justo em palestras aprendidas na prática teórica e treinar as habilidades comunicativas. Eles aprendem não apenas a perceber as emoções dos pacientes, mas também a refletir sobre eles e usá-los para fins de diagnóstico. Além disso, poderíamos mostrar uma auto-reflexividade aumentada após a participação no curso. No entanto, sugerimos a implementação de mais palestras e oficinas de habilidades comunicativas no currículo, porque ter uma história adequada é uma habilidade crucial para o diagnóstico e o sucesso da terapia.

REFERÊNCIAS

- BRASIL (2014). Resolução nº 3, de 20 de Junho de 2014. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências**. Diário Oficial [da] União, Brasília, 23 jun. 2014. Disponível em:< http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15874-rces003-14&category_slug=junho-2014-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 11 out. 2018.
- CHOUDHARY, A.; GUPTA, V.; Teaching communications skills to medical students: Introducing the fine art of medical practice. **International Journal of Applied & Basic Medical Research**, Mumbai, Ago. 2015. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4552065/>>. Acesso em: 28 out. 2018.
- CYRINO, A. P et al. **Um espaço interdisciplinar de comunicação científica na Saúde Coletiva: a revista Interface** - Comunicação, Saúde, Educação. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 7, p. 2059-2068, 2015.
- DRDLA, S.; LOFFLER-STASTKA, H. Influence of conversation technique on the doctoral therapeutic attitude in doctor-patient communication. **Wien Klin Wochenschr**, v. 128, p. 555-559, 2016.
- GOLDIE, J. The formation of professional identity in medical students: Considerations for educators. **Medical Teacher**, v. 34, e641-e648, 2012.
- GRAF, J. et al. Communication skills of medical students during the OSCE: Gender-specific differences in a longitudinal trend study. **BMC Medical Education**, Londres, Mai. 2017. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5414383/>>. Acesso em: 28 out. 2018.
- KINGHORN, W. A. Medical education as moral formation: an Aristotelian account of medical professionalism. **Perspectives in biology and medicine**, v. 53, n.1, p. 87-105, 2010.
- LÓPEZ, M.; MEDEIROS, J. L.. **Semiologia Médica as bases do diagnóstico clínico**. 3.ed. Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, 1990. 1069p.
- MALACHIAS, M. V. B et al. Capítulo 1 - Conceituação, Epidemiologia e Prevenção Primária. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, [s.l.], v. 107, n. 3, p.1-103, 2016. GN1 Genesis Network.
- PASSOS, V. M. A.; ASSIS, T. D. ; BARRETO, S. M.. **Hipertensão arterial no Brasil: estimativa de prevalência a partir de estudos de base populacional**. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v.15, n. 1, p. 35-45, 2006.
- RAKOTZ, M. K.; TOWNSEND, R. R.; YANG, J.; ALPERT, B. S.; HENEGHAN, K. A.; WYNIA, M.; WOZNIAK, G. D. Medical students and measuring blood pressure: Results from the American Medical Association Blood Pressure Check Challenge. **Journal of Clinical hypertension**, v. 19, n. 6, p. 614-619, 2017.
- XIERALI, I. M.; MAESHIRO, R.; JOHNSON, S.; ARCENEUX, T.; FAIR, M. A. Public health and community medicine instruction and physician practice location. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 47, n. 5, s. 3, p. S297-S300, 2014.

SOBRE A ORGANIZADORA

Christiane Trevisan Slivinski - Possui Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2000), Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2007) e Doutorado em Ciências - Bioquímica pela Universidade Federal do Paraná (2012). Tem experiência na área de Bioquímica, com ênfase em Biotecnologia, atuando principalmente nos seguintes temas: inibição enzimática; fermentação em estado sólido; produção, caracterização bioquímica e purificação de proteínas (enzimas); e uso de resíduo agroindustrial para produção de biomoléculas (biossurfactantes). É professora na Universidade Estadual de Ponta Grossa nas disciplinas de Bioquímica e Química Geral desde 2006, lecionando para os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas, Farmácia, Educação Física, Enfermagem, Odontologia, Química, Zootecnia, Agronomia, Engenharia de Alimentos. Também leciona no Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – CESCAGE desde 2012 para os cursos de Fisioterapia, Odontologia, Farmácia, Nutrição, Enfermagem e Agronomia, nas disciplinas de Bioquímica, Fisiologia, Biomorfologia, Genética, Metodologia Científica, Microbiologia de Alimentos, Nutrição Normal, Trabalho de Conclusão de Curso e Tecnologia de Produtos Agropecuários. Atuou ativamente nas pesquisas realizadas pelos acadêmicos e pesquisadores dos cursos de Fisioterapia e Enfermagem, estando inserida em todo o processo dentro da construção do conhecimento em saúde pública e coletivo. Também leciona nas Faculdades UNOPAR desde 2015 para o curso de Enfermagem nas disciplinas de Ciências Celulares e Moleculares, Microbiologia e Imunologia.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-160-2

